

Orientação: Ana Regina e Souza Campello

Psicologia & Surdez

Ingrid Moura

Guia prático
para psicólogos
bilíngues iniciantes



Orientação: Ana Regina e Souza Campello

Psicologia & Surdez

Ingrid Moura

Guia prático para
psicólogos bilíngues iniciantes

CMPDI-UFF
Niterói, 2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BCV
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R696p Rodrigues, Ingrid Moura Barroso
Produção de um Livro Digital para Orientação de
Profissionais de Psicologia no Campo da Surdez / Ingrid Moura
Barroso Rodrigues ; Ana Regina e Souza Campello, orientadora.
Niterói, 2020.
126 f.

Dissertação (mestrado profissional)-Universidade Federal
Fluminense, Niterói, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PGCTIn.2020.mp.12804435709>

Bibliografia
ISBN 978-65-00-18571-3

1. Atendimento Psicológico em Libras. 2. Pacientes Surdos.
3. Orientação. 4. Livro Digital. 5. Produção intelectual.
I. Campello, Ana Regina e Souza, orientadora. II. Universidade
Federal Fluminense. Instituto de Biologia. III. Título.
CDD -

- 04 **Sobre a Autora**
- 06 **Agradecimentos**
- 07 **Prefácio**
- 08 **Apresentação**
- 09 **Capítulo 1 Explicando a Surdez**
 - Níveis de Surdez
 - Conhecendo os Tipos Diferentes de Surdos
- 12 **Capítulo 2 Como se Preparar para ser um Psicólogo Bilíngue?**
- 14 **Capítulo 3 Comunicação Básica para Interação Com Surdos**
- 16 **Capítulo 4 A Relevância do Profissional de Psicologia no Mundo da Surdez**
- 18 **Capítulo 5 A Contribuição da Psicologia na Garantia de Direitos da Comunidade Surda**
- 20 **Capítulo 6 A Exiguidade na Formação do Psicólogo**
- 22 **Capítulo 7 Abordagem Correta para Atender Pacientes Surdos**
- 23 **Capítulo 8 O Atendimento Psicológico: Como Funciona?**
- 24 **Capítulo 9 Terminologias**
 - Libras: Língua ou Linguagem?
 - Inclusão Social e Acessibilidade
 - Surdo-Mudo
 - Surdo X D.A.
 - Diferença X Deficiência
 - Visão Médico/Patológica X Visão Sócio-Antropológica
- 28 **Capítulo 10 Sentimentos do Profissional**
- 29 **Capítulo 11 Sentimentos do Paciente Surdo**
- 30 **Capítulo 12 Considerações Finais**
- 31 **Referências**
- 35 **Listas**
 - Lista de Abreviaturas
 - Lista de Figuras



Meu nome é Ingrid Moura, prima de uma mulher surda e, atualmente, psicóloga clínica, mestre no Curso de Diversidade e Inclusão no CMPDI- UFF e Pós-Graduada em Tradução/ Interpretação e Docência em Libras pela UNÍNTENSE/UTP. Atuante, também como palestrante, promovendo rodas de conversa e Workshops a respeito da Psicologia, inclusão e mundo da surdez. Iniciando projetos de supervisão para psicólogos bilíngues iniciantes e curso de Atendimento Psicológico para surdos no Instituto de Psicologia e Sinais (IPSI), no qual sou fundadora.

Meu contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) iniciou antes mesmo de eu ter ciência que era uma Língua. Recordo-me que desde muito cedo tinha curiosidade de entender porque só minha prima fazia movimentos com as mãos. Eu perguntava e ninguém me respondia. Então, com o passar do tempo, comecei a pesquisar, estudar e hoje posso ser intérprete da família, sendo referência para meus familiares, motivo de orgulho para minha

prima e uma psicóloga bilíngue (em constante desenvolvimento linguístico), auxiliando muitos surdos que procuram de atendimento psicológico.

O interesse na criação deste produto surgiu em uma circunstância oportuna de flexibilidade e disponibilidade para criação de estratégias empenhando-me no reconhecimento da Comunidade Surda e uma Psicologia com acessibilidade nesta área, ao prestar informações desta para a sociedade, com o objetivo de incentivar os psicólogos a aprofundar e se aprimorar mais na área da inclusão, fornecendo informações sobre saúde mental para surdos e seus familiares. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) que sempre teve um papel de destaque em minha vida aumentará a inserção das pessoas com deficiência no uso de serviços de psicologia a partir do aumento de psicólogos interessados ao aprendizado da Libras, com entendimento sobre a relevância do atendimento às pessoas surdas.

Tal formação traz-me não apenas a visão do psicólogo, como também a do paciente surdo, com a expansão deste olhar, necessário para abranger uma área tão delicada quanto à da acessibilidade. Minha motivação com o projeto vai além da titulação, pois busca de fato conscientizar a classe de profissionais sobre a importância do domínio da Língua, acessibilidade e inclusão.

A proposta deste trabalho é trazer uma contribuição para a sociedade, visto que a questão da deficiência ainda é sinônimo de incapacidade para o corpo social e um tabu no que diz respeito ao acolhimento, assistência e contratação de pessoas com características divergentes da maioria. Sendo assim, meu projeto, ainda que reconheça a necessidade de apoio às pessoas com deficiência, busca informar as pessoas sem deficiência auditiva para que estas estejam preparadas a acolher e integrar quem a possua. Por isso também a escolha da linha “Produção de Materiais e Novas Tecnologias”, posto que facilitará através das informações, trazendo resultado social significativo.

Ao elaborar um livro digital com informações sobre surdez colaboro para todos os interessados em desenvolver na área, também como os interessados em se comunicar por Libras em seu ambiente de trabalho e que ofereça oportunidades de auxílio. Busco, dessa forma, disponibilizar o conhecimento que eu mesma encontrei dificuldade em conseguir tanto pelo formato tradicional quanto pela metodologia online. A revisão bibliográfica demonstrou aumento no interesse sobre o tema, pelo aprendizado de Libras, reforçando a certeza da relevância da Língua.

A presente dissertação de mestrado não poderia chegar a bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer a minha orientadora, Professora Doutora Ana Regina e Souza Campello por receber meu projeto com toda a paciência, e empenho, assim como o sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho de mestrado. Muito obrigada por me ter corrigido quando necessário sem nunca me desmotivar.

Desejo igualmente agradecer a Psicóloga Bilingue Eduarda Larrúbia que, prontamente, aceitou o convite de escrever o prefácio do livro digital. Deixo registrada aqui minha imensa satisfação em ter seus escritos como confirmação da certeza de que estou no caminho certo.

Aos participantes da pesquisa, meus colegas de profissão, gratidão por me inspirar e me instigar a desenvolver esse produto que será muito útil para os psicólogos bilíngues iniciantes.

E, por fim, à minha família e amigos pelo apoio incondicional, especialmente aos meus pais Claudia, Jocelino e avó Tracy, que estiveram presentes em todos os momentos. Minha irmã Marcela por todo o suporte para que eu pudesse concluir esse projeto e o marido Vitor Jorge pela paciência em épocas de privações pessoais em virtude deste sonho.

Ingrid Moura

Eu te convido a imaginar a seguinte situação:

Imagine que, em determinado momento da sua vida, você precise de atendimento psicológico. Você pede indicação a um amigo, que faz contato com um psicólogo que conhece, mas ele responde que não poderá te atender porque não fala sua língua. Diante disso, o sentimento de tristeza começa a se espalhar no seu interior.

Então, pede indicação a outros amigos e também a familiares, mas todos trazem a mesma resposta. Você se sente frustrado, com mais tentativas que não tiveram êxito.

No entanto, você não desiste. Ainda que em meio às dificuldades emocionais que o levaram à necessidade de atendimento psicológico, você busca forças para empreender a busca por contatos de psicólogos na internet. Muitos consultórios possuem apenas telefone fixo para contato, mas você não tem a possibilidade de fazer ligação telefônica. Nesse momento, o sentimento de raiva toma conta do seu corpo por se sentir desrespeitado.

Ainda assim, continua a busca e envia mensagem de texto para o celular de outro psicólogo. Ele não compreende exatamente o que você escreveu e vocês não conseguem se comunicar com clareza. Você é vencido pelas inúmeras tentativas frustradas e pela desesperança.

Esta pode parecer uma história inusitada para você, mas reflete a realidade cotidiana das pessoas surdas. Situações simples vivenciadas com tanta naturalidade pelos ouvintes, como ir ao médico ou pedir um medicamento na farmácia, podem ser bastante custosas para as pessoas surdas. Não é raro ouvir de surdos histórias reais de não conseguir ser atendido ou de receber um atendimento que não resolveu seu problema. Os sentimentos descritos foram apenas ilustrativos. Certamente eles se multiplicam e se sobrepõem a cada barreira encontrada na sociedade.

Desejo que este livro te desperte a buscar mais conhecimentos sobre a comunidade surda e suas especificidades, ainda ignoradas por grande parte da população.

Que este livro te sensibilize a empatizar com as dificuldades vivenciadas cotidianamente pelos surdos.

Desejo, por fim, que ele te instigue a aprender Libras, esta tão fascinante língua, que nos permite acessar o universo da surdez e nos relacionar de forma autêntica e verdadeira com as pessoas surdas.

Eduarda Larrúbia
Psicóloga Bilíngue

O presente trabalho é um livro digital para psicólogos sobre o tema da surdez. Embora os psicólogos sejam procurados para atendimento de questões relacionadas à surdez, grande maioria dos profissionais não conhecem a Língua Brasileira de Sinais e, muito menos, a cultura surda.

“A vida no silêncio dos surdos é instigante e diferenciada, e só quando tentamos fazer parte dela, em completa observação, tentando sentir a surdez dentro de nós e vivendo-a fundamentalmente por meio de experiências visuais, é que temos uma pálida ideia sobre suas vidas peculiares.” (STELLING, 2016).

A partir da fala da autora começamos a entender a importância de praticar a empatia que desenvolvemos através da curiosidade e estudos dentro desta temática, deixando-nos mais sensíveis ao contato humano, com mais atenção ao nosso redor, o que nos torna pessoas e profissionais melhores. A elaboração deste livro digital se deu a partir da demanda surgida pelas dúvidas e inseguranças dos profissionais da área de Psicologia de como atuar nesse nicho.

Neste livro não há uma regra correta a ser seguida, e sim, informações sucintas para que os profissionais sejam auxiliados a entender um pouco mais sobre a área da surdez, tendo legitimidade para reforçar ou anular a sua possibilidade de atender surdos, fazendo escolhas de forma livre, sendo combustível para se aperfeiçoar, tornando-se ferramenta para o desenvolvimento de autonomia, saúde mental e melhor qualidade de vida para as pessoas surdas.

1

Explicando a Surdez

No Brasil, recorreremos ao Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para mensurar a população de surdos em nosso território e verificamos que cerca de 9,7 milhões têm algum tipo de deficiência auditiva, sendo que, destes, 2,2 milhões são dos tipos severa ou profunda. Dentre estas pessoas com surdez, 1 milhão possui idade entre 0 e 19 anos e 6,7 vivem em áreas urbanas (IBGE, 2010).

O IBGE também registrou, no Estado do Rio de Janeiro, 6,5 milhões de pessoas surdas, porém em média, 772 mil com deficiência auditiva leve, 132.986 surdez do tipo moderada e 30.897 do tipo profunda. Em se tratando de atendimento a população surda, principalmente referindo-se à área da saúde e da psicologia, a clareza na comunicação e o esclarecimento durante uma consulta e/ou sessão de terapia sobre questões que envolvam diagnósticos e o tratamento é um dever dos profissionais e direito dos pacientes.

Níveis de Surdez

A surdez, ou deficiência auditiva, é denominada como perda parcial ou total da audição, dificultando a compreensão e a comunicação das pessoas, pode ocorrer por causas congênita, quando a pessoa já nasce com a deficiência, ou adquirida durante a vida, por questões genéticas, traumatismo ou doença que afete o aparelho auditivo. A partir de exames específicos feitos por médicos, a surdez pode ser classificada como Leve, Moderada, Severa ou Profunda. Na Classificação Internacional de Doenças (CID-10), a surdez é denominada como doença de CID H91 a CID H91.9.

O diagnóstico é feito normalmente por meio de um exame chamado audiometria, feito por um profissional da fonoaudiologia. A Organização Mundial de Saúde (2004) diferencia os níveis de deficiência auditiva em adultos, que são:

- Audição Normal – Limiares entre 0 a 25 dB.
- Deficiência Auditiva Leve – Limiares entre 26 a 40 dB.
- Deficiência Auditiva Moderada – Limiares entre 41 a 60 dB.
- Deficiência Auditiva Severa – Limiares entre 61 a 80 dB.
- Deficiência Auditiva Profunda – Limiares acima de 81 dB.

Conhecendo os Tipos Diferentes de Surdos

Geralmente, no mundo ouvinte, muitas são as concepções errôneas a respeito da comunidade surda, entre elas podemos destacar os tipos de surdos. No senso comum, imaginamos que todo surdo é usuário da Língua Brasileira de Sinais, porém Gladis Perlin (2005), pesquisadora surda brasileira, cita sete tipos de identidades da população total de surdos, que ora são usuários de línguas gestuais, ora oralizados, participantes ou não das comunidades surdas.

As formas de comunicação por pessoas surdas podem ser por leitura labial e fala, língua de sinais; estes dois modos, no caso dos surdos oralizados e surdos bilíngues; pantomimas e sinais caseiros já utilizados pelos pacientes, no caso de surdos que não aprenderam Libras e nem a Língua Portuguesa e legendas para pessoas que são surdas oralizadas e não sabem Libras.

A maioria das pessoas surdas é usuária de Libras e se identifica com o mundo surdo e com sua cultura. As pessoas que compõem esse grupo percebem-se como pessoas visuais e não orais-auditivas, almejam que sua língua e sua cultura sejam respeitadas. Alguns surdos

bilíngues tem domínio da língua portuguesa na modalidade escrita e, em alguns casos, falada também, além de saber Libras; O acesso às duas modalidades facilita na comunicação do sujeito surdo com outros surdos e ouvintes da sociedade . Porém, outras pessoas surdas, que se definem como deficientes auditivas (D.A.), sua identificação é com o mundo ouvinte, portanto, são usuárias da língua portuguesa falada e escrita, e dispensam a Língua de Sinais e o mundo surdo, almejando a recuperação da audição por meio da reabilitação.

É indispensável, **“a consciência do direito de constituir uma identidade própria e do reconhecimento da identidade do outro traduz-se no direito à igualdade e no respeito às diferenças, assegurando oportunidades diferenciadas (equidade), tantas quantas forem necessárias, com vistas à busca da igualdade.” (MEC/SEESP, 2001).**

Grosso modo, a diferença mais clara que temos de surdos para ouvintes são os aspectos linguísticos, dentre eles:

Língua Portuguesa

Libras

Língua Oral auditiva

Língua Viso-espacial, motora

Entoação e intensidade

Expressão facial e corporal

Fig.1 Comparação dos aspectos linguísticos entre Língua Portuguesa e Libras

Marques, Barroco e Silva (2013) revelam **“como é possível imaginarmos quanto prejuízo a falta da linguagem verbal acarreta ao desenvolvimento social, intelectual e emocional do indivíduo”**, pois “a comunicação é um dos fundamentais coeficientes do processo de integração do ser humano , denotando participação, convivência e socialização, tendo o seio familiar como a base mais importante deste. A comunicação dos surdos com o mundo ouvinte é essencial para ter acesso a conhecimento, cultura e informações diversas. Nesta questão, a atuação do psicólogo é essencial no suporte a minimização de sequelas e sofrimento, no que se refere a barreiras comunicacionais destes.

Contudo, como profissionais de psicologia, temos que nos atentar que a forma do contato com pessoas surdas variam de uma para outra. A nossa atuação, acolhimento e escuta precisa ser adaptado dependendo do modo de vida dos pacientes que podem ser surdos sinalizantes, surdos oralizados, surdos bilíngues, surdocegos e surdos “sem língua”.

2

Como se preparar para ser um psicólogo bilíngue?

A nossa atuação em psicologia bilíngue começa a partir da oportunidade de contato direto com a língua, fazendo-nos ter interesse ao tema através da identificação pessoal, questão sentimental, profissional e praticidade no dia a dia. Essas quatro razões podem explicar nossa inclinação para contato com o universo surdo. Cada profissional precisa ter legitimidade no que o faz querer aprender Libras e entender o que realmente o motiva a abraçar a causa surda.

Afinal, qual é a sua motivação?

Essa pergunta é bem pertinente, partindo do ponto de que cada profissional terá que estudar uma língua viva, durante sua vida, em constante atualização. Ao se comprometer com a comunidade surda, você não só dá a oportunidade de acessibilidade a pessoas com

alguma diferença, mas também marca um compromisso com a responsabilidade de ser um psicólogo bilíngue, que é um grande diferencial. A partir desse momento, todos os olhares estarão voltados para você e você terá que praticar a escuta por meio dos olhos, lendo os sinais.

E esta tarefa não é difícil se realmente queremos nos aprimorar e sermos ferramentas da inclusão, porém a realidade não é feita só de palavras bonitas. Para que sejamos psicólogos bilíngues de excelência, os estudos são indispensáveis e nos acompanham frequentemente. O passo mais importante desse processo é iniciar com os cursos básico, intermediário e avançado de Língua Brasileira de Sinais, concomitantemente a, no mínimo, quinze minutos de estudos por dia.

Posteriormente, podem seguir em pós-graduação de Libras e pesquisas relacionadas ao tema, além do contato constante com pessoas surdas, que é o legitimará o uso da língua.

Além do conhecimento da Libras, as interações com a comunidade surda e sua cultura ampliam a visão do profissional psicólogo sobre o paciente surdo e de seu entorno social, sendo indispensável para a melhoria no atendimento ao mesmo, minimizando sofrimento e resultando na melhoria da qualidade de vida da comunidade.

O psicólogo tem papel primordial no acolhimento dessas pessoas, e é de nossa responsabilidade procurar compreender e difundir como se estruturam e vivenciam, para que a convivência dos pacientes surdos com o meio externo seja menos difícil e a intervenção do psicólogo com esse público seja mais acertada.

3

Comunicação básica para interação com surdos

“Comunicar-se é muito mais que apenas emitir sons, é o domínio do conjunto linguístico e cultural que, com seu desenvolvimento, capacita o indivíduo a mais facilmente interagir na sociedade em que se insere, ampliando suas relações” (BARBOSA e TEMOTEO, 2015). Para Mirailh (2018) “a língua é um conjunto de sinais (verbetes) e de leis combinatórias por meio da qual as pessoas de uma comunidade se interagem e se comunicam. Para haver comunicação não necessariamente existe língua, mas a função primária da língua é auxiliar na comunicação”.

No que se refere à comunicação, surdos e ouvintes são linguisticamente diferentes. Para os ouvintes, a língua se estabelece através do canal oral-auditivo, no entanto, os surdos utilizam-se por meio do canal viso-gestual.

Como defendemos linguistas, “a Língua de Sinais é suficiente para suprir as necessidades comunicativas dos Surdos, já que não se restringe a uma linguagem superficial, como

mímica e gestos, mas é uma língua com itens gramaticais, originadas dentro de uma cultura no contato com seus usuários, assim como toda língua” (FERNANDES,2007)

Habitualmente, as pessoas que aprendem Libras já tiveram ou mantêm contato com uma pessoa surda em seu cotidiano ou por obrigação legal, tornando reduzida a busca por esse aprendizado. As pessoas, em geral, que já tiveram contato com a Libras e não deram continuidade ao desenvolvimento da Língua, alegam que as estruturas desta com a Língua Portuguesa são muito diferentes e, então, fica difícil praticar.

A Comunidade Surda quando precisa de algum tipo de atendimento psicológico, sofrem com barreiras de comunicação dos profissionais da área. Muitos psicólogos recorrem ao uso de pantomimas, escrevem e até recorrem ao Tradutor Intérprete da Língua de Sinais (TILS), porém estas não são formas adequadas de oferecer um atendimento psicológico. Os psicólogos não depreendem a relevância do uso da Libras no dia a dia, até que vivenciem alguma situação junto a alguma pessoa surda.

Sendo assim, em nossa profissão, **“aprender Libras é adaptar-se às modalidades de acolhimento psicológico, promovendo acesso ao cuidado de saúde e reduzindo barreiras comunicativas, favorecendo a inclusão social desses indivíduos” (SANTOS; ASSIS, 2015).** Porém muitos psicólogos, que não sabem LIBRAS, contam com a participação do intérprete, que podem interferir no processo terapêutico em relação ao sigilo profissional e a confiança do paciente para se expor a frente de outrem. E devemos lembrar que **“é dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional” (art. 9º do Código de ética Profissional do Psicólogo,2005,p.13)**

4

A relevância do profissional de psicologia no mundo da surdez

Na área da saúde, “a grande maioria dos surdos não possui ou nunca teve acesso aos serviços psicológicos, seja por condições financeiras, ou unicamente porque o Sistema Único de Saúde precariamente oferece este tipo de atendimento, a oferta é precária, sem profissionais capacitados para essa especialidade, pois raros são os psicólogos que têm interesse por esse novo desafio de aprendizagem da língua de sinais, mesmo sendo indispensável ao trabalho terapêutico com os surdos” (GONÇALVES, 2011).

É indispensável que este profissional busque se aprimorar antes ou na formação acadêmica, pois para que essa comunicação ocorra de forma efetiva, o profissional precisa, não só aprender a Língua, mas também a cultura e estar sempre em contato com a comunidade surda.

A conscientização desses profissionais é importante para “**viabilizar o atendimento terapêutico de qualidade como aquele prestado aos clientes ouvintes, é uma questão**

fundamenta que os profissionais de saúde devem empreender como forma de inclusão de pessoas com deficiências” (CHAVEIRO et al.,2008).

O conhecimento de Libras e da cultura surda amplia a visão do profissional psicólogo sobre o paciente surdo e de seu entorno social e, com isto, a melhoria do atendimento ao mesmo e, quiçá, do seu sofrimento, resultando na melhora da qualidade de vida da comunidade. Os profissionais da psicologia devem atuar no fortalecimento da autoestima da pessoa surda, mais do que uma mudança de visão de sujeito, é a possibilidade de construir uma pessoa passível de crescer e gerenciar-se nos diferentes papéis sociais, é desenhar um futuro que está bloqueado pela surdez, que determina o agora como se fosse para toda a vida, impedindo realização de planos e metas futuras.

Além disso, **“por constituir-se como sujeito surdo, entendemos que a visão de deficiente se transforma, uma vez que o sujeito se verá e será visto como uma pessoa diferente, usuária da língua de sinais e pertencente a um grupo linguístico minoritário” (SKLIAR 1999; CAMPOS, 2009).**

A preocupação do psicólogo em qualificar-se em Libras perdura no que se refere à dificuldade de aprendizagem e resistência no contato com a língua, juntamente a limitação de inteirar-se neste contexto se dá a partir da comunicação direta com os surdos. Em vista disso, concluímos que o interesse em aprender a língua e questões relacionadas a esta, é gerado a partir das necessidades particulares de cada profissional e sua identificação com o meio.

Quando os profissionais de psicologia decidem conhecer esse novo mundo que dizemos que é o “Mundo da Surdez”, começam a entender como é o contexto de vida de cada surdo, cada modo de comunicação, prejuízos emocionais causados a partir de dificuldades nas relações interpessoais e isolamento social, dificuldades da família com filhos surdos. Nessas circunstâncias, o psicólogo entende que o atendimento a comunidade surda vai muito além de aprender a Língua, sendo necessário entender todo seu contexto histórico e de convívio social. Só a partir dessa conscientização, atenderemos de maneira mais assertiva, auxiliando em autoconhecimento e melhora em sua qualidade de vida.

5

A contribuição da psicologia na garantia de direitos da comunidade surda

De acordo com o Código de Ética do Psicólogo, “**devemos nos atentar as diferentes necessidades dos pacientes**”, sendo assim precisamos entender como acontece à comunicação com cada surdo, a fim de nos adaptarmos para um atendimento mais eficaz.

Ao levar em conta o artigo 9º do Código de Ética Profissional que trata do sigilo no atendimento psicoterapêutico, deveria garantir ao sujeito surdo o direito a um atendimento que lhe permitisse expressar, autonomamente, reservadamente e sem constrangimento, o seu sofrimento. O atendimento à pessoa surda necessita de uma atenção especial do profissional quanto à comunicação e conduta adequada em face do paciente e de sua família.

Nessa perspectiva, a formação e capacitação do psicólogo se torna muito relevante, especialmente se levarmos em conta as necessidades do público surdo que procura o atendimento psicológico.

Sendo assim, **“aprender Libras é adaptar-se às modalidades de acolhimento psicológico, promovendo acesso ao cuidado de saúde e reduzindo barreiras comunicativas, favorecendo a inclusão social desses indivíduos” (SANTOS; ASSIS, 2015)**. Porém muitos psicólogos, que não sabem LIBRAS, acabam utilizando o intérprete, que podem interferir no processo terapêutico em relação ao sigilo profissional e a confiança do paciente para se expor a frente de outrem.

É indispensável que o profissional de psicologia atue com Equidade, isto é, respeito os diferentes tipos de surdez, cuidando de cada paciente de acordo com seu nível de complexidade e necessidades, promovendo um modo mais justo na inclusão.

**não podemos excluir
nenhum indivíduo
do direito à psicoterapia**

6

A exiguidade na formação do psicólogo

Leigh (2010) menciona que “um dos motivos para a psicoterapia não atender aos surdos é a entrada tardia de disciplinas de saúde mental e das ciências do comportamento no campo da surdez, como também, a significativa gama de terapeutas não qualificados para atender à população de pessoas surdas”.

De acordo com Santos e Assis (2015), “os surdos são excluídos dos atendimentos em psicologia clínica devido à falta de profissionais qualificados para este público”. Os mesmos autores, neste ano, explicam que “A graduação em psicologia, muitas vezes com currículos engessados, não inclui em seus currículos formas alternativas de cuidado, na qual o profissional se forma sem dar conta de atendimentos que fogem a um padrão já abarcado pela ciência e pelas tecnologias atuais”.

“Em meio às divergências de línguas e culturas, o psicólogo deve habilitar-se para atender as demandas que possam surgir no ambiente terapêutico, buscando uma formação

teórica e metodológica que lhe permita compreender seu objeto de estudo” (Conselho Federal de Psicologia, 2005).

De acordo com os estudos referentes às disciplinas curriculares de Libras, “no que corresponde ao atendimento ao surdo, as graduações de psicologia deixam a desejar, negligenciando disciplinas que auxiliassem na aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais. A falta de renovação dos currículos universitários e o descaso com que todos esses profissionais lidam com a questão da deficiência faz com que, cada vez mais, os surdos fiquem excluídos da sociedade”. (SANTOS; ASSIS, 2015).

Geralmente, a formação dos cursos de Psicologia, em nível de graduação, não abrangem conceitos sobre inclusão social e necessidades especiais, limitando os diferentes campos de exercício da profissão. Já Boness (2015) enfatiza que “fornecer terapia para surdos levanta importantes considerações éticas para o profissional psicólogo”. Dentre estas, destacam-se questões relacionadas à competência, relações múltiplas, confidencialidade, avaliação, diagnóstico e em relação à comunicação.

Atualmente, “após quase meio século de políticas públicas contra a exclusão social, ainda nos deparamos com populações invisíveis no que tange à atuação e abrangência da psicologia” (SANTOS; ASSIS, 2015).

De mais a mais, muitos profissionais se sentem incapacitados para atender a comunidade surda e também desconhecem psicólogos bilíngues que oferecem esse tipo de assistência. É importante pensar nas formas de assistência psicológica aos surdos e a falta de Libras, o instrumento principal para o psicólogo realizar intervenções, ficando a interrogação: de quem é a responsabilidade da qualificação do psicólogo dentro do campo da surdez?

7

Abordagem correta para atender pacientes surdos

Os psicólogos, em geral, baseiam-se em uma abordagem, explicada como uma linha de estudo, um recorte em meio a todo conhecimento obtido na Psicologia, na qual nos fixamos à um modo de olhar o sujeito. As habilidades do psicólogo, independentemente do tipo de abordagem, aparecem em estudos. **“Um campo que vem recebendo atenção e destaque nas pesquisas é aquele relacionado ao tipo de aliança, a compreensão empática e o calor humano no trabalho do psicólogo” (FALCONE, 1998; RANGÉ, 1995).**

Muitos psicólogos ficam inseguros sobre como utilizar sua abordagem no atendimento com os pacientes surdos, por existirem aspectos subjetivos e palavras complexas que talvez esse público não consiga entender. A melhor abordagem para utilizar com o paciente surdo é a abordagem que o próprio psicólogo escolhe para sua atuação. O profissional precisa ter segurança e entender bem como é sua forma de acolher e prestar o melhor atendimento para seus pacientes e cada um buscará recursos em sua base teórica.

O que diferenciará os profissionais com suas determinadas abordagens será a capacidade do mesmo ter propriedade da mesma a ponto de poder explicar para seu paciente surdo o que significa cada conceito e fazer adaptações de instrumentos de acordo com as particularidades de cada um.

8

O atendimento psicológico: como funciona?

Nos atendimentos com pessoas ouvintes e surdas, existe diferença nas demandas apresentadas, por isso, que é relevante o atendimento com equidade, verificando como será a atuação com cada paciente. O próprio profissional, em sua abordagem, irá analisar os melhores recursos que poderá utilizar nas sessões para auxiliar seus pacientes, sempre lembrando do contexto histórico e diferença linguística.

Assim acontece na avaliação inicial, a anamnese é feita normalmente, sendo destacada apenas a diferença linguística. Também é feito o ato de explanação, todas as vezes que o paciente não entende alguma palavra em português, e explicamos utilizando sinais sinônimos e exemplos. No primeiro contato em consultório, para o surdo, a confiança é essencial e para o psicólogo é impreterível exprimir conforto, domínio e segurança na Língua e um bom acolhimento através da escuta qualificada, comunicando-se além da Libras, prestando um atendimento humanizado.

Para as pessoas surdas, esclarecer simples informações do dia a dia, da mesma maneira que mostrar-se um profissional disponível e disposto a auxiliá-las na minimização do sofrimento, já é terapêutico, pois a sociedade não tem essa disponibilidade para o povo surdo.

9

Terminologias

LIBRAS: Língua ou Linguagem de Sinais?

A linguagem é a capacidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver e compreender a língua e outras manifestações, como a pintura, a música e a dança. A linguagem engloba todas as formas de comunicação. Já a língua é um conjunto organizado de elementos (sons e gestos), com sua gramática e regras próprias, que possibilitam a comunicação de uma comunidade, de um povo, entre outros. As línguas podem se manifestar de forma oral ou gestual, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua natural e oficial das comunidades surdas do Brasil, reconhecida pela Lei nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5.626/ 2005, pela Legislação Brasileira na última década do século XXI. Portanto, a Libras é uma língua. É incorreto utilizar o termo “Linguagem de sinais”.

Inclusão e Acessibilidade

Segundo a Secretaria Especial dos Direitos das Pessoas com Deficiência, Acessibilidade se dá por “atributo essencial do ambiente que garante a melhoria da qualidade de vida das pessoas; Deve estar presente nos espaços, no meio físico, no transporte, na informação e comunicação, inclusive nos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como em outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na cidade como no campo”.

“Por inclusão social, devemos entender a possibilidade da pessoa com deficiência – aliás, de todo cidadão – vivenciar uma efetiva participação na vida social, econômica, cultural e política dos contextos micro, meso e macro de sua inserção, tendo respeitados os seus direitos, independentemente de sua classe social, raça, religião, sexo etc”. (Camargo, 2014).

A partir destas definições, podemos considerar a relevância da psicologia em prol da Comunidade Surda, com o objetivo de possibilitar o sujeito surdo a viver com autonomia e saúde mental. Assegurar o acesso à psicoterapia e a equidade na especificidade de cada pessoa surda, garante a inclusão social.

Surdo-Mudo

A pessoa com deficiência auditiva ou surdez não é muda. A mudez é outro tipo de deficiência, sendo raro as duas acontecerem ao mesmo tempo. A realidade é que muitos surdos, acabam não desenvolvendo a fala por falta de treinamento fonoaudiológico, pois através deste, a pessoa surda reconhecerá a diferença entre as consoantes e sons referentes à Língua Portuguesa.

No tempo imperial, todos os surdos eram considerados surdos-mudos e eram felizes com este rótulo. Ninguém os forçava a falar e não eram oprimidos linguisticamente. Agora com a nova tecnologia, o sentido de “falar” passou a oprimir as pessoas Surdas criando vários

mitos e estereótipos sobre eles. Então o uso desta terminologia varia para cada surdo, o que não nos compete julgar, porém, caso tenha dúvidas pergunte para a pessoa surda que seja mais próxima ou evite utilizar o termo até entender qual é o seu significado nos diferentes contextos de vida.

Surdo x D.A

No âmbito da medicina, o termo “Surdo” tem sido utilizado quando a pessoa é diagnosticada como surdez profunda e quando a perda de audição é leve ou moderada ainda persiste o termo “Deficiente Auditivo”.

Segundo a questão cultural, o Surdo é aquele que é usuário de Libras e é pertencente a Comunidade Surda e o Deficiente Auditivo são as pessoas usuárias de Implante Coclear (IC), Aparelhos Auditivos (AASI) e são a favor da reabilitação.

Diferença x Deficiência

Em nosso mundo, todos têm uma diferença; algumas delas visíveis, outras não. Somos todos diferentes e, de algum modo, deficientes. Somos deficientes sensoriais, físicos, mentais, emocionais, sociais e até espirituais. Deficientes até por não conseguirmos nos comunicar com o outro de forma efetiva.

A deficiência caracteriza-se conforme o conceito de perfeição que pessoas não deficientes insistem em manter. Ao falar em deficiência, pensamos em limitações, raramente em habilidades. Um pensamento errôneo adotado pela sociedade. Falar sobre deficiência nos inclina a um olhar pejorativo, de falta, de ausência de algo. Ao utilizarmos o termo “diferente”, apoiamos a surdez como uma outra forma de vida, de adaptação na sociedade, culturalmente falando, e não uma deficiência.

Visão Patológica x Visão Sócio-Antropológica

A diferença entre esses pontos de vista variam de acordo com autores, sendo divididos entre Visão Clínica/Patológica e Visão Sócio-Antropológica. A discussão entre esses conceitos é importantíssima para entendermos a divisão de deficiência para diferença para o surdo.

De acordo com Bisol e Valentini (2011), na primeira perspectiva, “do ponto de vista orgânico, “surdez” e “deficiência auditiva” são sinônimos utilizados na referência a qualquer tipo de perda auditiva, seja esta de grau leve, moderado, severo ou profundo, independente de ser em um ou nos dois ouvidos; Neste mesmo raciocínio, Skliar (1997) esclarece o modelo clínico terapêutico, que tinha como concepção de surdez a patologia; um modelo médico, baseado em doença e, portanto, em cura. Nesse modelo, olhavam-se sempre as características negativas do sujeito surdo, com foco sempre dado às dificuldades, e não às habilidades. Também generalizando na questão de todos os surdos serem iguais.

A segunda abordagem segundo Bisol e Valentini (2011) compreende a surdez em uma **“perspectiva histórica e cultural, de forma a enfatizar as diferentes maneiras de vivenciar as diferenças na audição”**. Este conceito sócio/antropológico é reforçado por Skliar (1997), quando defende que **“a surdez representa uma experiência visual, uma maneira diferente de observar o mundo a partir da construção de uma realidade histórica, política e social singular, através da língua de sinais”**. O modelo sócio/antropológico, mais atual, vê a surdez como uma diferença e o uso da língua de sinais como um traço de identidade sociocultural.

Nesse sentido, Guerra (2005) discute que a comunidade surda procura redefinir sua identidade enquanto surdo concebem a surdez como diferença, e não mais como deficiência. Dentro da proposta bilíngue – bicultural entende-se que o surdo necessita das duas línguas: a língua de sinais (L1) e a língua oral de seu país (L2). Nesse modelo, a corrente comunicativa utilizada é o bilinguismo.

Já, Cardoso (2016) esclarece que **“apesar de todo o avanço tecnológico e informativo relacionado à cultura surda, existe ainda uma grande parcela da população ouvinte utilizando terminologias que acabam passando para a sociedade surda uma mensagem preconceituosa, negativa e arbitrária”**. Porém muitos termos que as pessoas usam de forma errônea, são utilizadas pela falta de informação ou distorções nas concepções do que é preconceituoso ao ponto de vista particular de cada indivíduo. De acordo com a comunidade surda, a surdez precisa ser vista como condição e diferença, não como deficiência de caráter médico.

10

Sentimentos do profissional

“Os ouvintes que entram em contato com o surdo pela primeira vez demonstram certo temor, provocado por sua incapacidade de usar Libras ou mesmo pela ideia de que não conseguirão entender ou ser entendidos nas primeiras interações com o surdo” (GESSER, 2012).

Já citamos, anteriormente, as resistências do psicólogo quanto ao aprendizado da Libras e sua dificuldade no contato com surdos. Porém o que é mais persistente para os profissionais de psicologia é o medo do desconhecido. Como lidar com essa pessoa surda? Como será se relacionar com as famílias? Será que irei conseguir entender e ser entendido? Será que o acompanhamento psicológico será eficaz?

São pensamentos automáticos que paralisam o desenvolvimento linguístico do profissional. O medo de enfrentar e encarar uma nova língua e uma nova realidade é o principal fator que desencoraja o psicólogo a prosseguir no aprendizado da Libras e pela insegurança, muitos desistem de ser psicólogos bilíngues e continuam na sua zona de conforto.

11

Sentimentos do paciente surdo

Do ponto de vista da sociedade, “surdez é vista como patologia, como deficiência e o surdo, um deficiente. Sendo uma patologia deve ser tratada colocando-se aparelho de amplificação sonora individual ou fazendo-se implante coclear e procedendo-se a treinamento auditivo intensivo. Todo investimento é feito para diminuir o déficit” (OLIVEIRA, 2015).

A perda auditiva e a surdez na sociedade ouvinte são rotuladas como deficiências como já explicitamos acima. A partir dessas questões, os pontos negativos ficam mais expostos através dos sentimentos de impotência, inutilidade, revolta e principalmente insegurança em relação ao sujeito ouvinte.

A todo momento, percebemos surdos que precisam estar prontos para se defender e lutar para não serem esquecidos os negligenciados e todo esse esforço, no dia a dia, gera ansiedade e angústia, piorando seu estado emocional geral.

12

Considerações finais

A descoberta do profissional para esse ramo da psicologia inclusiva não acontece de qualquer forma. A grande maioria dos envolvidos no mundo da surdez tem uma identificação e uma experiência que desperta o interesse de desenvolver-se como um profissional bilíngue. O significado de deficiência surge mais da incapacidade que temos de acolher e interagir com o outro do que a própria deficiência de uma pessoa.

O objetivo de uma sociedade inclusiva deveria ser o reconhecimento e valorização da diversidade. Além disso, entendemos a necessidade de garantir o acesso e a participação dos psicólogos a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades e diferenças de cada indivíduo e/ou grupo social, mas é importante ressaltar que a preparação desse profissional é indispensável a qualquer paciente.

A falta de informação na área corrobora para o distanciamento dessas questões no cotidiano de nossa atuação. Estudos comprovam que as universidades e âmbito acadêmico não tem um olhar humanizado para essas questões. A Comunidade Surda quando precisa de algum tipo de atendimento psicológico, sofrem com barreiras de comunicação dos profissionais da área. Mas essa realidade, lentamente, está se modificando a partir da disseminação de informações a respeito, gerando conscientização e interesse no aprendizado da Língua.

A nossa hipótese de trabalho fora fortalecida a partir do interesse de outros psicólogos sobre o paciente surdo e de seu entorno social e, com isto, a melhoria no atendimento ao mesmo, resultando na melhora da qualidade de vida dessas pessoas.

É errôneo acreditar que uma vez já aprendido a Língua já nos tornamos um psicólogo bilíngue completo. Como a Libras é uma língua viva, a cada dia que passa temos novidades, novos sinais que surgem e nós precisamos estar sempre em atualização. Esta obra é o pontapé inicial para a inserção do profissional de psicologia no mundo da Libras e a continuidade do contato com surdos e o desenvolvimento no aprendizado da língua são indispensáveis. Muita Libras e bons estudos!

ANDREIS-WITKOSKI, S; SANTOS,R.S. Ser surda: história de uma vida para muitas vidas. Editora Juruá. Curitiba, 2013.

BARBOSA, Felipe Venâncio; TEMOTEO, Janice Gonçalves. Libras EaD - Aula teórica 01. Universidade de São Paulo (USP), 2015. Disponível em <https://eaulas.usp.br/portal/video.action;jsessionid=9E10D556B39B88C67D4A234A674E76A1?itemId=6088> . Acesso em 23/11/2017.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BISOL, C. A., & VALENTINI, C. B. Surdez e deficiência auditiva – qual a diferença? Objeto de Aprendizagem Incluir, 2011. Disponível em: http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf. Acesso em: 17 de dezembro de 2018.

BONESS, C. L. (2015). Treatment of deaf clients: Ethical considerations for professionals in psychology. *Ethics & Behavior*. 27(7). 1-24. doi: 10.1080/10508422.2015.1084929.

BRASIL. Decreto n.5626,22 de dezembro de 2005: regulamenta a Lei n 10.436, sancionada em 24 de abril de 2002, a qual dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras e o art.18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília,23 de dezembro de 2005.

CARDOSO, I. G. Surdo-mudo ou mudo, deficiente auditivo ou surdo: Qual dessas terminologias pode-se adotar? *Revista Cultural de Cultura Surda*. 17(1), 2016. Disponível em: <http://editoraararaazul.com.br>. Acesso: 17 de dezembro de 2018.

CAMARGO, M. L. O papel da psicologia organizacional e do trabalho no enfrentamento dos desafios à inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. *Mimesis – Ciências Humanas*, 35(2), 201-222, 2014. Disponível em: http://www.usc.br/biblioteca/mimesis/mimesis_v35_n2_2014_art_03.pdf Acesso:10 de dezembro de 2018.

CAMPOS, S.R.L. Aspectos do processo de construção de língua de sinais de uma criança surda, filha de pais ouvintes em um espaço bilíngue para surdos. 2009. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CHAVEIRO N; BARBOSA, M.A; PORTO, C.C. Revisão de Literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais de saúde. Revista Esc. Enfermagem- USP, 2008.

CLASSIFICAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS E DE COMPORTAMENTO DA CID-10 – Descrições Clínicas e diretrizes diagnósticas. Artmed, 1993

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). Código de ética profissional do profissional psicólogo. Brasília, DF, 2005.

CROMACK, E. M. P. C. (2004). Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: Atravessamentos e implicações sociais. Psicologia Ciência e Profissão, 24(4), 68-77.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO DE SURDOS (FENEIS). LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais. Disponível em:<https://www.feneis.br> Acesso em 13 de dezembro de 2018.

FERNANDES; ORRICO, H.F. Política linguística para comunidades surdas: do texto da lei às práticas pedagógicas. In: IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Rio de Janeiro, 2007.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que Língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. Prefácio de Pedro M. Garcez- São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

O Ouvinte e a Surdez, sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GODOY, A. S.. Pesquisa Qualitativa- Tipos Fundamentais, Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p 25 -Mai./Jun, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico 2010. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br> . Acesso em: 13 de dezembro de 2018.

MARZOLLA, A. C.. Atendimento Psicanalítico do Paciente com Surdez.- São Paulo: Editora Zagodoni, 2012.

MIRAILH, S.X.N. ACESSIBILIDADE VIA GAME: Ensino de libras através de aplicativo. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

tação de Mestrado. UFF, 2018.

NUREMBERG, Adriano Henrique. O processo de criação do Programa de Promoção de Acessibilidade da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). *Ponto de Vista*, n. 10, p. 97-106. Florianópolis, 2008.

OLIVEIRA, C.S.S. Saúde e Surdez: Limites, possibilidades e desafios, 2015. Disponível em: https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/9_estados-e_lutas-sociais/saude-e-surdez-limites-possibilidades-e-desafios.pdf

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde Relacionados 10ª Revisão (CID-10)-2015 WHO Version for; 2015. Disponível em: <<https://icd.who.int/browse10/2015/en#H90-H95>> Acesso: 21 de Novembro de 2019

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

PSICOLOGIA: Ciência e Profissão Jul/Set. 2017 v. 37 n° 3, 799-814. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003232016>. Disponível em www.scielo.br/pcp. Acesso em: 10/12/2018.

SÁ, N.R.L. Educação de Surdos: a caminho do bilinguismo. Niterói: Eduff, 1999. SANTANA, A.P. Surdez e linguagem: Aspectos e implicações neurolinguísticas, (pp. 13-17). São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, J. F., ASSIS, M. R. (2015). As dificuldades do psicólogo no atendimento à pessoa com deficiência auditiva. *Conexões Psi*, 3(1), 23-33. RJ, 2015.

SANTOS, Rogério Gonçalves dos. Aplicativos de Libras, problema ou solução? *Arte factum – Revista de Estudos em Linguagens e Tecnologia*. Ano IX – nº 1. 2017.

SANTOS, R. S.; ANDREIS-WITKOSKI, Sílvia. Ser Surda: História de uma vida para muitas vidas. Curitiba: Editora Juruá, 2013.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

Secretaria BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Especial dos

Direitos das Pessoas com Deficiência. Acessibilidade. Disponível em: <http://www.pessoa-comdeficiencia.gov.br/app/acessibilidade-0> Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

SKLIAR, Carlos. Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Mediação, 1997.

. Uma perspectiva sócio antropológica sobre a psicologia e a educação dos surdos. Porto Alegre: Mediação, 1997.

STELLING, Esmeralda; STELLING, Luiz Felipe. A criança é surda, a família quer saber. Niterói, RJ: Atual Design, 2016.

STROBEL, K.L. Surdos: vestígios culturais não registrados na história. 2008.

. Surdos: Vestígios culturais não registrados na história. (Tese de doutorado). Educação e Processos Inclusivos da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2008.

. História da Educação de Surdos. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

Lista de Abreviaturas

L1- Primeira Língua L2- Segunda Língua

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais LSB - Língua de Sinais Brasileira

TILS - Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais

Lista de Figuras

Figura 1: Comparação dos aspectos linguísticos entre Língua Portuguesa e Libras

Figura 2: Diferenças entre Visão Patológica e Visão Sócio-Antropológica



**GABDA
ROCHA**

hey@gabdarocha.com
www.gabdarocha.com